

A saúde do povo vale 400 vezes menos do que a manutenção de um exército ridículo

Percorre-se o país do norte a sul e por toda a parte os serviços de higiene ou se encontram num estado lamentável de abandono, ou principiam mesmo por não existir. Pais algum da Europa produz no visitante a desagradável impressão de completa falta de limpeza, como Portugal. O povo não se lava, não sabe mesmo como manter a higiene no seu lar, as ruas e as praças públicas são, no estio, montes de esterco que o sol faz fermentar e as moscas cobrem como um manto viscoso e repugnante, no inverno, mares de lama nauseabunda onde dificilmente se navega.

O português é o povo mais porco do mundo. Por sua culpa exclusiva? Não, por culpa da ignorância, do analfabetismo em que forçadamente o mantém os poderes públicos, por falta de instituições sanitárias, por falta de instituições públicas e a terminar, quantas vezes! Nos hospitais a higiene é uma regra que se despreza como se nenhuma importância social tivesse na vida de um povo.

Lactários, balneários, aulas gratuitas de ginástica, cantinas que forneçam comida sã à infância das escolas e tantas outras instituições que no estrangeiro são a primeira preocupação dos governos e dos municípios, em Portugal são cousas tão raras e insignificantes que, quando alguém pensa a valer nessa banalidade, é, pela estranheza e raridade da sua atitude, considerado benemérito.

Os pais ignoram a higiene, os filhos entregues a seus pais ignorantes vivem ao abandono, sem cuidados sem orientação—embora de quando em vez, para se dar a impressão ao estrangeiro de que em Portugal se pensa no revigoramento físico da juventude, se reúnem algumas milhares de crianças raquíticas e se realiza a festa da raça, com assistência de ministros e parangons nos jornais. E no entanto...

... no entanto não existe uma rigorosa fiscalização sanitária, não há visitas domiciliárias nos bairros pobres, não existe verba para arrancar a tuberculose precoce milhares de crianças que vivem na miséria e na esterqueira insalubre das suas casas, das suas pocilgas.

Se sucede declarar-se uma epidemia as grandes medidas sanitárias—porque é já o instinto de defesa que as reclama—constam de alguns baldes de cloro, isolamento das criaturas que se supõem ameaçadas e depois, continua o resto da população que não tem sido previamente educada a criar, com a sua ignorância, ambiente favorável ao desenvolvimento da epidemia.

De tantas palavras que se têm

proferido no parlamento, de tanto decreto que o *Diário do Governo* insere, de tanto discurso de propaganda eleitoral que se tem expectado, nada, nada, absolutamente nada indica que os políticos que nos governam ou querem governar percebem que existe um grande, um grave problema a resolver em Portugal—o da higiene, que está estreitamente ligado ao da educação.

Pois a proposta orçamental para 1925-26, à qual nos referimos anteriormente, enquanto estabelece para a manutenção de um exército inútil e caricato a quantia de 279.802.407\$00, para os Serviços Sanitários dispõe apenas da afrontosa miséria de 696.308\$90. Olha-se para estes números e nem se repara na desproporção. Com o exército gasta-se mais de 400 vezes o que se gasta com a saúde do povo! Como estes números são fulminantes para o regime capitalista! Como estes números no seu mutismo, no seu severo mutismo, desmascaram as promessas lindas dos republicanos, arrastam pela lama do opróbrio a República endeusada pelos idealistas, condenam a política dos monárquicos que apenas defendem nas Câmaras os interesses dos senhores!

A saúde do povo vale, no conceito dos políticos da nossa terra, menos 400 vezes o que vale o exército ridículo que por aí se ostenta para fazer revoluções, para acariar os capitalistas e para agriar a caserna—foco de infecção moral, foco de infecção pública devido à falta de higiene—alguns milhares de jovens, todos os anos.

O serviço sanitário em Portugal não chega a valer mil contos—mil contos que numa manobra de padrinhos o Estado empresta a qualquer empresa falida; mil contos que de um momento para o outro se votam a pretexto de restabelecer a ordem pública, mil contos que se escoam dos cofres, sem que ninguém dê por tal, num maneio, numa penada de ministro, numa simples transferência de dinheiros da nação.

E quer esta gente que o povo se sintam bem na degradante situação em que o mantém. O povo não tem nada e cala-se, mal esboça uma vez por outra um débil xeixume. O exército tem tudo e ainda se atreve a organizar revoluções na Rotunda e comícios na Sala do Risco.

Mas os pobres 696 contos para a sanidade pública falam mais alto do que os senhores generais na Sala do Risco. Eles são a voz angustiada de um povo desprezado que se deixa morrer aos poucos, espezinhado, esmagado, sugado por uma legião de parasitas.

NOTAS & COMENTÁRIOS

«A Choldra»

O dr. sr. Jaime Cortezão, dramaturgo e poeta, publicava no último número da *Seara Nova* um interessante sultão com o título supra, que não resistimos a tentação de o trazer ao conhecimento dos nossos leitores:

«O sr. António Maria da Silva tem ultimamente procurado em entrevistas e discursos definir, limitar, reduzir a choldra. Não estamos de acordo. A choldra é vista. Não se lhe aponta à esquerda nem à direita, apenas. Rodeia-nos. E se não digamos: da turba dos políticos incompetentes ou corruptos, dos audaciosos sem pudor, dos chefes sem finalidades e sem cultura, dos ministros que ignoram a a e b das suas pastas, dos sófregos que se atropelam e insultam na esplanada, dos que se vendem, dos que se dão a si mesmos por criminosos de direito comum, dos que se tornaram cúmplices com o seu silêncio, dos que não badram a verdade, ao menos uma vez, dessa choldra de tanta e zagaia, dessa choldra corrolada de vermes, dessa choldra de líteres, de sacripantas e chatins, quantas se salvam, na verdade?»

A justiça dóis

Foi ontem julgado na Boa Hora António Santos, que era acusado de, em 1921, quando era empregado dos T. M. E., ter dali desviado as quantias de 151\$00 e 300\$00. A justiça não dorme quando se trata de desvios de quantias de relativa importância.

Nunca se castigaram os autores do desfalque de milhares de contos que houve nos T. M. E. A sua impunidade não só lhes permitiu o gozo de tudo o que roubaram, como a glorificação que resulta do julgamento de ontem. Trazem aos tribunais um homem que só tirou dos T. M. E. 451\$00 e a derradeira homenagem que se pode prestar aos que praticaram o «honesto acto» de furtar a «patritória» soma de muitos milhares de escudos.

Artistas de teatro

Entre a variadíssima correspondência que peja a nossa banca de trabalho depa-rou-se-nos uma missiva assinada por Aristofanes que versam um assunto de palatino:

interesse—os artistas de teatro e as suas tendências religiosas. É um pequeno documento que foca com veemência a mentalidade dos artistas que antes de entrarem em cena se persignam.

Se nos merece simpatia a doutrina contida na epístola a que nos estamos referindo, outro tanto não pode merecer o anonimato do seu autor, razão porque o convidamos a passar por esta redacção em qualquer dos dias, para que com conhecimento seguro do assunto possamos tratá-lo devidamente.

A onda negra!

Segundo vimos num jornal de ontem, vai ser nomeada para professora da Escola Central n.º 76, de Alcântara, D. Lina Santana Pinto Barreto, que é uma reacçãoária que há muito coadiuvava o padre Pinheiro Marques.

Isso confirma o que nós aqui temos dito sobre a invasão dos clericais no professorado. Se não se puser um dique à audácia dos clericais, dentro de pouco nas escolas primárias, em vez de se ensinar o alfabeto, ensina-se Deus. Nunca como hoje as crianças estiveram tão ameaçadas de serem embruteadas pelos fanatismos mais estreitos e as superstições mais grosseiras.

A igreja está-se preparando para atingir a sua idade de ouro mercê da cumplicidade de muitos jesuítas disfarçados de livre-pensadores.

A guerra de Marrocos

Franceses e espanhóis continuam a ceder terreno

TANGER, 21.—As tropas francesas e espanholas estão operando uma retirada estratégica na baía de Alhucemas.

Abd-el-Krim tenciona agora atacar a região de Beni-Zeroual e a linha de batalha ao norte de Bibane.

No decurso da recente reunião de notáveis, o chefe rifenho declarou que o acordo com a Espanha e a França só poderia ser concluído em detrimento do Rif, pelo que considera preferível prosseguir na luta.

Os jornais de grande circulação cúmplices das extorsões da Companhia do Gás!

Fez a Companhia do Gás, por intermédio de jornais como o *Diário de Notícias*, uma jesuítica especulação para justificar o escandaloso aumento do aluguer dos condutores e fogões de gás e electricidade, insinuando que a falta de resposta a um requerimento feito à Câmara Municipal implicava a concordância com essa extorsão.

A Câmara Municipal, na reunião de ontem da sua Comissão Executiva, apreciou largamente essa audaciosa manobra da Companhia do Gás, auxiliada especialmente pelos jornais de grande circulação.

Nessa reunião o vereador Alexandre Ferreira denunciou a manobra desses jornais, que pretendiam lançar no espírito do público uma confusão favorável aos interesses da Companhia do Gás. O requerimento, o famoso requerimento esquecido, não dava nem tirava direitos à Companhia, permanecendo ainda de pé a nota oficiosa da Câmara aconselhando os consumidores a não pagar o abusivo aumento sobre o aluguer dos fogões e condutores.

Os consumidores não devem pois deixar-se ludibriar pelos jornais de grande circulação, nem aceder aos desejos da Companhia. Que ninguém pague o escandaloso aumento, tanto mais que a Companhia do Gás não está autorizada a fazê-lo!

No 5.º Congresso Radical-Socialista francês, Herriot defendeu o imposto sobre fortunas e os seguros sociais

Nice, a linda cidade do Mediterrâneo, a cursos de acordo com a sua situação financeira, rainha das praias francesas; Nice encantada, flamejante de luz e de alegria e de prazeres, a terra dos milionários e dos «escrotes», o paraíso das rainhas e das «demi-mondaines», o país da roleta e da vertigem, via-se no dia 15 invadida por uma turba-multa apertada nos seus frangos e nas suas sobrecasacas, sobranceando enormes pastas, que sem reparar nos seus esplendores de mulher galante, se foi imediatamente encafuar nos mais belos hotéis da cidade.

Eram os congressistas do partido radical francês que chegavam.

A 2 horas e 30, os congressistas encontraram-se todos reunidos no Casino Municipal, que se encontrava fechado até à próxima época de inverno.

Após uma severa fiscalização às portas, os congressistas tomaram os seus lugares. Lá caras conhecidas: Schrameck, Fernand Lefrand, Ferdinand Buisson.

Pouco tempo e a sala ergue-se em pé e as palmas ensurdecem os ares. É Herriot que acaba de entrar, acompanhado do seu cachimbo, do seu frasco e do seu ventre.

No discurso de abertura feito pelo chefe dos socialistas radicais, notou-se mais vez que o ex-presidente de ministérios é um homem de ideias largas, audacioso, de bons projectos, embora os seus actos desmintam muitas vezes o seu radicalismo oratório.

O discurso que ele pronunciou perante a numerosa assembleia que o ouvia atentamente, foi um discurso cheio de vigor e, porque não havemos de dizê-lo, as promessas nele feitas teriam sido de molde a contentar os espíritos mais radicais, se, como dissemos acima, Herriot não tivesse o mau hábito de esquecer, a maior parte das vezes, o que prometeu.

Desse discurso, vamos dar um resumo pelo qual os leitores verão que Herriot tem ideias, bastantes ideias...

Após um longo elogio ao Cartel, em que afirmou que a união dos democratas é a única salva a República dum desastre, Herriot definiu o primeiro dever do Cartel, como sendo a vontade do sufrágio universal.

O orador aborda em seguida os problemas nacionais, que só se solucionarão democraticamente e os problemas internacionais que só se podem resolver pacificamente.

Sobre este último assunto Herriot acentua com vigor:

— Afirmando que foi a evacuação do Ruhr que permitiu agüentar-nos em Marrocos.

A nossa política radical renunciou há muito tempo a tudo o que pudesse fazer acusar, mesmo injustamente, a nossa pátria de imperialismo.

Nós declaramos solenemente, mais uma vez, perante o mundo, que não queremos conquistar mais terras, que nos sentimos satisfeitos com as nossas fronteiras.

Declaramos também que queremos a paz, pela qual os nossos soldados morreram.

Seria caso para não cremos na paz, tantas vezes prometida durante a última guerra, se, neste momento, em vez de se acenderem tantas labaredas, a Europa, arruinada pelas lutas recentes, não compreendesse o dever que ela tem de se unir para garantir um património, dolorosamente obtido, de ciência, de bem estar e de civilização.

Herriot toca pouco depois uma das passagens mais arriscadas do seu discurso. Refere-se à situação financeira da França, aos seus compromissos e à política desastrosa dos governos precedentes.

— E neste ponto porque não havemos também de falar com firmeza, porque não havemos de procurar libertar-nos por um esforço de esta chaga? Porque não terminaremos nós com os nossos sacrifícios, a obra dos nossos soldados? Não é pois esta a condição primordial da nossa independência, isto é, do nosso futuro, como no dia seguinte ao da guerra de 1870 o proclamara o corajoso Chauzy?

Não se compreende que esse sacramento deve aproveitar, sobretudo, aqueles que querem conservar os frutos das suas economias?

Aconteça o que acontecer aquele que vive apenas do seu salário adaptado às exigências da vida, exigirá a obtenção de re-

A Conferência de Lucarno

A Alemanha espera que as promessas sejam cumpridas...

BERLIM, 21.—Uma comissão renana, constituída por 31 membros, entre os quais se contam os presidentes das municipalidades de Colónia e Duisburg e o grande banqueiro Hagen, conferenciou ontem durante algumas horas com vários membros do gabinete do Reich sobre os resultados do Tratado de Lucarno, declarando que a Renânia espera ver cumpridas as promessas feitas aos delegados alemães sobre as alterações das zonas ocupadas, antes da assinatura definitiva do pacto de segurança.

Os delegados lamentaram que aquelas promessas feitas pelas delegações francesa, inglesa e belga não tenham sido por escrito, mas concordaram com o chanceler Luther que espera ver realizada a evacuação no meado do próximo mês.

... e o governo americano não pode definir a sua atitude

WASHINGTON, 21.—O presidente Coolidge declarou que o tratado de Lucarno constitui o maior acontecimento depois do armistício, mas que não implica a definitiva participação dos Estados Unidos em qualquer futura conferência de desarmamento.

Os Estados Unidos—acrescentou o Presidente Coolidge—estão naturalmente interessados em todas as propostas de paz, visto terem reduzido o seu exército às mais pequenas proporções, mas só tomará parte em conferências no programa das quais tenha sido incluído o desarmamento naval e preferindo que se realize em Washington.

O governo americano não pode, entretanto, definir a sua atitude, pois nenhum projecto formal lhe foi até agora submetido.

Tem ocasião o sr. Domingos Pereira de definir uma atitude em face das deportações

O silêncio que se faz em volta dos deportados ultimamente detidos na Madeira quando tentavam eximir-se a um desterro iníquo e desumano, não é de bom agouro. E as informações que temos sobre a sua sorte, são de molde a justificar as apreensões que nós presentimos em todos a quem a brutal violência cometida pelo estúpido e mau, intolerante e vesgo Vitorino Godinho revoltou justamente.

Dizem-nos essas informações que sobre os três deportados que tentaram evadir-se vai recair uma sinistra vingança: vão enviá-los para a Guiné, onde eles não estiveram. O clima de Cabo Verde onde eles se evadiram é incontestavelmente mau; o clima da Guiné para onde os pretendem enviar é pior. Cabo Verde é um sofrimento intenso. Pode-se sair dele bastante combatido, mas há uma esperança, ainda que pouco justificada, de se salvar a vida. Na Guiné, não. A Guiné é a morte, a morte sem esperança, a morte irremediável.

Os deportados estavam em má situação em Cabo Verde. Enviando-os, como se pretende, para a Guiné, prevê-se claramente que não há nessa decisão, outro desejo que o de transformar três homens em três cadáveres. Essa ordem é a ordem de pena de morte, é mais um triplo crime praticado pela aplicação de uma penalidade bárbara e monstruosa, como tal abolida em anos já longínquos, ainda no século XIX, por uma monarquia que tinha mais respeito pela vida humana do que esta república que tem tido ministérios com a incultura e a ferocidade instintiva dos carrascos dos tempos medievos.

Praticou-se um crime—e o sr. Domingos Pereira reconheceu-o—deportando-se sem julgamento. Para o actual presidente do ministério a fuga dos três deportados foi um dever, um dever que a sua consciência não cumpriu pelo receio de desagradar a esse homem sinistro que é Barbosa Viana e a esse homem vil chamado António Maria da Silva!

A fuga desses três deportados pode e deve ser encarada como um acto de benemerência para com o sr. Domingos Pereira. Esses homens não eram tolos: não pretendiam vir para a metrópole. Só as insignias salvaguardas da polícia poderiam suportá-los como aliás supezeram—que eles fugiam de Cabo Verde para se virem meter em Lisboa onde os aguardava, pelo menos, espantabilidade dum infecto calabouço.

Os evadidos iam para o Funchal à cata dum vapor que os levasse para um país onde não tivessem um chefe Xavier a esperá-los nos cais. Com isso só o sr. Domingos Pereira teria a lucrar. Por um lado esses três homens libertavam-se duma situação que ele, como presidente do ministério, considerou ilegal e desumana. Por outro iam para um país estrangeiro e deixavam de ser três espectros a atormentar-lhe a consciência. E o António Maria da Silva não ficava zangado, não lhe criava dificuldades, o que era ouro sobre azul...

A prisão deles no Funchal, frustrando-lhes a evasão para uma terra estrangeira, veio criar-lhe dificuldades. Acentuamos esse facto porque decerto o sr. Domingos Pereira não irá ter a fraqueza, não irá praticar a vileza de os arremessar para a Guiné, como o pretendem dois fantoches devorados de ódio e de ambições. E acrescentaremos ainda que um dilema lhe está colocado: ou manda regressar Lisboa os três evadidos fazendo-os submeter a julgamento, ou envia-os para a Guiné ou mesmo para Cabo Verde e afirma a sua concordância com as deportações. Se não é igual a Vitorino Godinho, os três evadidos devem vir para Lisboa. Se assim proceder pratica o primeiro acto de coerência com as afirmações desassombradas que há tempos pronunciou. Se hesitar, se obedecer ao António Maria da Silva... que havemos nós de dizer?

Que palavras poderão exprimir a nossa indignação, exteriorizando a indignação do proletariado?

A AUDÁCIA CLERICAL

Os reacçãoários estão assaltando as escolas primárias e ameaçando as professoras!

Denunciámos aqui há tempos que umas damas reacçãoárias que se encontravam veraneando em Fânhões se entregavam a uma intensa propaganda clerical, fazendo os maiores esforços e usando de todos os truc para arrebatar para a igreja todos os que não queriam viver sob o jugo dos padres.

Destacou-se nestas manobras a sr.ª D. Alice Cristóvão Pires que chegou a incitar os alunos numa escola primária a faltar às aulas para irem a essa paródia católica da primeira comunhão. Esta senhora chegou a invadir a escola, sem licença da professora, e a interromper uma aula que estava funcionando para fazer preces aos alunos. A professora sr.ª D. Marcelina Vaz do Nascimento, justamente indignada com aquele abuso fez sentir à católica sr.ª D. Alice que não lhe assistia o direito de vir interromper as aulas e desviar a atenção dos seus alunos.

D. Alice encolerizou-se e dirigiu à professora vários improperios, chegando a declarar-lhe que a demitir do seu lugar de professora, por intermédio do actual ministro da instrução que é pessoa que está sempre à disposição das suas vinganças e caprichos. Repugna-nos acreditar que o ministro da instrução se preste a atender uma criatura que desprezei uma professora por esta não consentir que a atenção dos seus alunos seja desviada para benefício da mania religiosa duma dama que deve ter pouco que fazer com a digna atitude desta professora, a sua colega D. Leonor Norte conduziu todos os seus alunos em massa para a igreja, a fim de receberem a comunhão que foi dada por um padre que foi há pouco tempo pronunciado pelo crime de homicídio voluntário por ter assassinado um pobre trabalhador rural.

Ora aqui têm os leitores um bom educador da infância. E são desta força os educadores que as *Novidades* enaltecem.

As escolas primárias, como se deduz do que acima referimos, estão sendo assaltadas pelos reacçãoários. E entre as professoras, infelizmente, estão em minoria as que se defendem desse assalto, feito às claras, com o cinismo e a audácia de quem se sente em país conquistado. E chegou-se ao extremo de se ameaçar com o ministro da instrução as professoras que têm uma nobre e digna noção dos seus deveres.

Caillaux renuncia?

PARIS, 21.—Corre o boato em certos círculos políticos sobre a próxima renúncia do sr. Caillaux.

Leitor, mais um pequeno sacrifício!

Leitor amigo: Dissemos-te ontem que a tua generosidade tinha contribuído para que as nossas crianças que nos solicitaram livros pudessem prosseguir nos seus estudos. Mas há um novo pedido que nos leva a abusar da tua dedicação, do teu grande amor pela instrução.

Ontem, ao cair da tarde, a mãe do pequeno Pedro Morais procurou-nos para nos dizer que seu filho queria fugir ao ambiente deletério das ruas. A escola atraía-o. Falta-lhe, porém, uma coisa, os livros. Se a *Batalha* o protegesse ele poderia ser um homem útil, e iniciaria uma vida de sonhos, desses sonhos em que a infância é tão fértil.

Os livros de que o pequeno Pedro carece são: «Aritmética Prática e Geometria», Ulisses Machado, 12.ª edição; «Gramática Portuguesa», Ulisses Machado, 15.ª edição; «Corografia», Figueirinhas; «Ciências Históricas Naturais», Figueirinhas.

Leitor amigo: Com um pequenino sacrifício a tua obra será completa e este ente, que desperta para a vida, encontrará em ti um salvador.

A IDEIA EM MARCHA

DELAZ, 18.—Vem de constituir-se nesta localidade mais um baluarte operário. Os operários da indústria têxtil, sentindo sobre si o peso da opressão capitalista, despertaram alfin para a luta de classes, constituindo-se em Sindicato. Com esta resolução muito têm os trabalhadores a interessar; oxalá que outras classes lhes sigam o exemplo.

O capitalismo «yankee» contra o operariado inglês

Partiu para a Inglaterra J. P. Morgan, acompanhado dos seus ajudantes, o americano Lamont e o inglês Smith, e que vão realizar a aliança entre o capitalismo americano e inglês com o fim de esmagar pelo desprezo o proletariado inglês.

Esta aliança manifestou-se primeiro, quando Morgan e a «Reserva Federal de Nova York» puderam trezentos milhões de dólares à disposição do governo inglês para restaurar o valor ouro da libra.

Esta restauração teve como consequência o aumento do número dos «sem trabalho», porque subindo o valor da libra cerca de 120% os preços dos artigos de exportação subiram proporcionalmente, e deixaram portanto de ser procurados pelos compradores estrangeiros.

Para reconquistar os mercados resolveram os capitalistas reduzir os salários de 120%, pois que por sua parte não querem eles reduzir os fabulosos lucros, que até agora têm auferido; e é esta tentativa que tem feito ultimamente despertar o espírito de revolta do operariado inglês, a ponto de fazer aterroizar o próprio governo—como sucedeu com o conflito dos mineiros

CARTA DO PORTO

Uma conferência política do chefe dos "bonzos" que foi uma miséria moral e intelectual

PORTO, 21.—A cidade tem estado num monotomismo doentio. Apenas os preparativos da grande burla eleitoral que se aproxima, põem uns tons burlescos na vida sensorial do burgo.

O sr. António Maria da Silva, por demais conhecido pelo proletariado, não pela sua grandeza moral, idealista e intelectual, mas pelo seu passado de perseguições próprias de um tiranete ridículo, também nos quis dar a honra de nos espantear o tédio ao rol das suas incongruências, proporcionando-nos uns momentos de paródia política.

Pondo de parte uns apupos de que foi vítima, em São Bento, tão «grandioso» estadista duma república tão pequena, devemos concordar que o simulacro de conferência que o chefe dos bonzos efectuou no Centro Democrático do Bomfim, foi a coisa mais chula que Deus ao mundo deu...

Ainda se ao menos possuísse a verborreia scintilante do sr. Cunha Leal...

Foi por isso que o seu órgão vespertino, numa desculpa plangente, se apressou a explicar ao seu «numeroso» público que, se o «estadista» não teve «retórica barata nem citações de frases gastas, e de velhos romances», não teve a «pirotécnica retórica das que só têm palavras, quantas vezes roubadas, sem que envolvam uma única ideia», não teve «esse divagar filosófico de astro para astro a investir com o Cosmos (até parece piada ao Leonardo Coimbra), nem as «intrigues invulgar dos inexpertos» — teve pelo menos o «acume de vista de verdadeiro homem de Estado, foi claro, conciso, energético, persuasivo e honesto».

E todavia, trocado tudo em miúdos, o palavrório «silvestre», arrastado, sulcado de hiatos de boca, gongolou-se à volta de velharias sem importância alguma. O que não quer dizer que não tivesse, entre outros manifestes de *finis* doutoramento, a aplaudi-lo alguns operários do sr. Manuel Pinto de Azevedo, dos quais já se tem queixado amargamente da exploração ignobil de que é vítima na fábrica do rei dos teares onde trabalha...

O órgão dos bonzos, todo inflado de satisfação, diz-nos que o ilustre «estadista» António Maria da Silva viera propositadamente ao povo do Porto trazer os seus «pensamentos» e as suas «opinões» sobre o futuro da vida nacional.

Passemos em branco o antecedido desmentido que o «estadista» deu quanto ao ter falado ao povo, visto que ele próprio considerou a assistência um *vasto* auditorio dumas respeitáveis centenas de correligionários — o que é muito diferente.

O conferente... eleitoral da ala direita do partido democrático não trouxe, de novo, de fresquinho, de inédito, qualquer pensamento, qualquer opinião. Pequeno em tudo: em conceitos, em ideias, em estilo elizabetino...

Como não podia deixar de ser, retribuiu ao «cânhamo» a pancadaria linguatária de aqueles sovam nos «bonzos», a quando do seu recente comício em Miragiva. Perdido um tempo precioso neste debate pela desunidade «unidade» patidária, tentou fazer uns «passes» sobre o que querem os homens do seu partido, na suposição de que o país é tão besta, que não saiba, por experiência própria, o que eles têm querido e conquistado pela sua ruinosa passagem pelo poder...

O mais engraçado foi a condenação do Partido Republicano Português feita pelo próprio António Maria da Silva: esquecendo-se de que ele é quem monopolizou todos os poderes da República, vem-nos falar do sistema educativo atribuído, da ordem económica, política e social, da guarda dos dinheiros públicos, da necessidade de se reformar o regime parlamentarista, corrigindo-o de vícios e defeitos, modificando-lhe o regime. E para tudo esta obra, já de longe ironizada, em prédicas eleitorais, pelos democráticos, o sr. António quer uma *maioria absoluta* para uma reforma radical, reduzindo-se os ministérios que, «por demais, entravam a acção governativa».

Mas não lhe bastando a maioria absoluta parlamentar, partidária e governamental, que garanta, mais efectivamente, a ditadura do partido democrático, monopolizado de todos os serviços governativos e administrativos como até aqui, deseja também a cooperação das classes trabalhadoras: o trabalhador deve estar ligado ao patrão por «laços verdadeiramente fraternais» e por «um espírito de cooperação»... Igualmente se deve educá-lo, «a fim de que tenha a consciência do valor da moeda»... Eis o que o sr. António deseja para o povo que, «como ele», moureja, dia a dia, o pão de que precisa...

Que o operário não tem a verdadeira consciência do valor da moeda, bate, até certo ponto, certo. Porque se a tivesse, não consentiria que o sr. António enriquecesse à custa de um *trabalho* que não executa, nem admitiria que ele tivesse o desprazer de vir dizer que, como o operário, «moureja» dia a dia o pão de que precisa... Para que tal não aconteça, é que deseja a colaboração subserviente do rouado, do explorado, com o ladrão, o explorador...

Uma coisa falta exportar: é que o perseguidor de sindicalistas e anarquistas afirmou, por *blague*, que não quer rolas (porque precisava de batatas), coacção, tirania — mas liberdade... para si e para os seus.

Os seus correligionários estavam comprometidos com esta tirada, tanto mais que alguns iam munidos de cavalo marinho, na persuasão de que aqui no Porto também lhe pudessem rasgar a labita...

Para que ficasse logo ali provada a democracia do seu chefe, um democrático voltou-se, após uns apurados, para uns camaradas, vociferando-lhes: «Se vocês têm pistolas, nós temos bombas» — e batia certo, porque via presente o bomista-mor português: o sr. António Maria da Silva.

Houve também quem apontasse uma pistola para outro camarada, regoandoo: «liquida-se» merecendo o apoio de alguns *techequistas* democráticos. Mas a coisa ficou por menos. A democracia «silvestre» não podia dar outra coisa — nem mesmo consentiu que estranhas falassem, em honra de tribuna livre...

Assim terminou a triste conferência pescadora de votos, a qual foi enfeitada com alguns *filetes* de apurados a propósito... da iniqua conduta do partido democrático em frente do operariado.

Caminhando para a perfeição

Ante a impotência do Estado para a perfeição só poderemos contar com a educação, a qual irá transformando o meio social em condições propícias para o decrescimento progressivo do alcoolismo.

Os filhos dos abstinentes ou dos que bebem pouquíssimo álcool (principalmente vinho ou cerveja), quando o provam, pela primeira vez, sentem mais repugnância que satisfação; daí, a indicação para os pais ou tutores de seguirem a indicação da natureza e conservarem intactos o gosto da criança pelas bebidas não alcoólicas, sendo, pois, de toda a utilidade que o professor venha esforçar, pelo exemplo e pelos seus conselhos, esta indicação.

Perto daqui, morreu há anos um professor primário que deixava os alunos na escola e ia para a taberna próxima embebedar-se e sempre a fumar; morreu relativamente novo.

Na Holanda, só se admitem como membros da Sociedade anti-alcoólica, professores abstinentes.

E, pois, nas escolas que formam os professores das escolas maternas e das escolas primárias, que deve ser intensiva a propaganda anti-alcoólica e por onde deve ser iniciado o combate ao terrível mal.

Ensine-se ao futuro professor da criança o valor respectivo das substâncias alimentares, o valor relativo das bebidas alcoólicas, para que ele saiba provar com argumentos de valia, que um bom regime alimentar não deve conter bebidas alcoólicas, principalmente na infância; pode servir-se de conferências, ilustrações, sessões cinematográficas. Além da sua propaganda, como professor, a qual se vai repercutir na família, o seu papel social aumenta, desde que, fora da escola, aproveite todas as ocasiões propícias para fazer propaganda anti-alcoólica (anti-sifilítica, anti-tuberculosa, etc.).

Em presença das reflexões da criança, que frequenta uma escola moderna, uma verdadeira escola humana, ao voltar a casa de seus pais, estes, a pesar de desregrados, começam a inquietar-se e a perturbar-se, em virtude dos seus maus hábitos; é já uma primeira vitória, no combate contra o alcoolismo.

Claro está que nas escolas em que se ensinam os futuros professores, o ensino da alimentação higiénica, valor comparativo dos alimentos, sob o ponto de vista fisiológico, económico e social incluindo todas as bebidas alcoólicas e excitantes, deverá ser mais minucioso.

Esse ensino anti-alcoólico deverá ser continuado na oficina, na fábrica, etc., convencendo o operário que os bons ofícios, os lugares de responsabilidade, etc., o poder compreender os seus direitos e deveres, só o poderá conseguir quando compreender a e siga os mandamentos da higiene.

E nos adultos que as sociedades de abstinência absoluta (Cruz Azul), as sociedades de abstinência parcial (só permitindo as bebidas fermentadas, tais como vinho, cerveja, etc.), os restaurantes e hotéis de abstinência, etc. exercem a sua benéfica propaganda.

E para louvar o que fazem alguns países do norte da Europa multando os taberneiros que facilitam vinho às pessoas ébrias ou que vendam mais de três copos de vinho a um consumidor. E, facto curioso, os países em que é maior e mais intensa a luta anti-alcoólica e com mais êxito são os países com vontade, com vida e verdadeira educação cívica, quasi todos protestantes e com ótima instrução primária e geral, como a Suíça, principalmente o cantão de Vaud, os Estados Unidos, certas províncias do Canadá, a Suécia, a Noruega, a Dinamarca, a Inglaterra (Duxlaw).

Não admira que assim suceda, no que respeita à religião protestante; efectivamente a religião católica, abominável mentira e peçonhento antro, que só tem produzido a desgraça da humanidade, não liberta um indivíduo, pois que o ideal dessa maldita seita negra, que através de tantos séculos tão monstruosos e horrendos crimes tem cometido, visa pelo contrário a dominar as vontades em seu proveito material, que o indivíduo se desenvolva e pense o menos possível, que não seja senhor de si, todo este sistema jesuítico com o fim de obterem, não verdadeiros humanos, mas sim objectos com aspecto de gente que eles possam manejar em seu belo proveito. Numa palavra: todo o ensino católico e jesuítico é anti-scientífico, anti-pedagógico, anti-humano, é uma educação homicida, portanto, indigna de qualquer sociedade civilizada.

Luis CORTEZ
Médico

A imprensa e o nosso suplemento ilustrado

Continua a imprensa a referir-se em termos que muitos nos sensibilizam, ao nosso suplemento ilustrado.

O *Correio do Sul*, bi-semanário que se publica em Faro, insere no seu último número a local que a seguir reproduzimos:

Continua a sua regular publicação das segundas-feiras este suplemento ilustrado de *A Batalha*, de propaganda revolucionária. O seu último número insere o seguinte sumário: Discurso sobre a política nacional, pela «Voz que clama no deserto»; A margem do 1.º congresso federal, de Alfredo Marques; Crónica Internacional (o capitalismo na Ásia); A tendência da hora que passa, de D. L.; Apontamentos sobre o jornalismo, de J. B.; A traíção da conjura (a corrupção do exército e as ameaças de uma ditadura denunciada pelo famoso tribunal da Sala do Risco) de F. C.; Regionalismo (resposta a José Dias Sancho), por Ferreira de Castro; Deus, por José Carlos de Sousa; O que todos devem saber (receitas úteis); Chico Zecas & C.ª.

Uma coisa falta exportar: é que o perseguidor de sindicalistas e anarquistas afirmou, por *blague*, que não quer rolas (porque precisava de batatas), coacção, tirania — mas liberdade... para si e para os seus.

Os seus correligionários estavam comprometidos com esta tirada, tanto mais que alguns iam munidos de cavalo marinho, na persuasão de que aqui no Porto também lhe pudessem rasgar a labita...

Para que ficasse logo ali provada a democracia do seu chefe, um democrático voltou-se, após uns apurados, para uns camaradas, vociferando-lhes: «Se vocês têm pistolas, nós temos bombas» — e batia certo, porque via presente o bomista-mor português: o sr. António Maria da Silva.

Houve também quem apontasse uma pistola para outro camarada, regoandoo: «liquida-se» merecendo o apoio de alguns *techequistas* democráticos. Mas a coisa ficou por menos. A democracia «silvestre» não podia dar outra coisa — nem mesmo consentiu que estranhas falassem, em honra de tribuna livre...

Assim terminou a triste conferência pescadora de votos, a qual foi enfeitada com alguns *filetes* de apurados a propósito... da iniqua conduta do partido democrático em frente do operariado.

AS GREVES

Quadro tipográfico de «A Epoca»

Prosegue o movimento grevista do pessoal tipográfico do jornal *A Epoca*, não tendo havido ainda nenhuma resposta concreta às suas reclamações.

O jornal voltou ontem a publicar-se com duas páginas repletas de anúncios, trazendo numa das colunas uma nota em normando, sobre a nova inscrição de pessoal, declarando que este se recusou a retomar o trabalho, quando em verdade o pessoal em luta se recusa a trabalhar com o chefe, sr. Figueiredo, em virtude da incompatibilidade existente entre o quadro e aquele.

A direcção dos Compositores Tipográficos foi informada que se está trabalhando numa oficina particular para aquela empresa, o que é considerado uma traição, pelo que hoje procurará impedir semelhante irregularidade.

Previne novamente a direcção que nenhum componente deste sindicato deve ir trabalhar para aquele jornal, assim como aconselha a recusarem-se a executar, nas oficinas, qualquer trabalho de composição, ou informando-a a tal respeito, para que medidas urgentes sejam tomadas contra essas oficinas.

Chacineiras de Aldegaleta

ALDEGALETA, 21.—Continua sem mais defecções a greve das chacineiras de Aldegaleta, a despeito dos esforços em contrário por parte dos industriais.

O comício que ontem se realizou revestiu a mais extraordinária importância. O amplo salão da Associação dos Trabalhadores Rurais, todos os seus gabinetes e escada estavam coalhados de pessoas, grande número das quais ficaram na rua ouvindo os ecos das palavras quentes e persuasivas dos oradores.

«Oco depois das 21 horas constituiu-se a mesa» com os camaradas António Bailão, secretário por Constância Mendes Bastos e António Inácio Barbosa.

O presidente fez a história das lutas operárias de Aldegaleta, em que se destaca brilhantemente a das chacineiras, sempre agredidas e energicas.

José Duarte, dos corticeiros, declara que a sua classe está ao lado das grevistas, disposta a prestar-lhes toda a sua solidariedade, como sempre que se trate da defesa do pão e de liberdade dos trabalhadores.

António S. Barbosa, dos trabalhadores rurais, defende acaloradamente a causa das chacineiras, que é a mesma das demais classes operárias, em Portugal como nos demais países. Alonga-se em considerações repassadas de espírito de revolta e de verdade, que a assembleia sublinha com quentes aplausos.

José Luís dos Santos, também trabalhador rural, com grande força de convicção, trata da situação particular em que as camaradas chacineiras se encontram e afirma que elas têm certo o triunfo da sua causa se se conservarem unidas e firmes como até aqui.

M. J. de Sousa, da C. G. T., relata os motivos por que a burguesia vem procedendo quanto à sua tentativa de redução dos salários, o plano interno em que se baseia pretendendo salvar-se pelo esmagamento económico e moral da classe trabalhadora e exorta os proletários da localidade a apoiarem-se por todos os meios a que as chacineiras fiquem vencidas, pois isso será também o seu fatal esmagamento.

Em seguida foi aprovada por aclamação uma extensa moção, que amanhã publicaremos.

O camarada presidente pronuncia breves palavras de incitamento e encerra o comício, acto que a assembleia sublinhou com vivas à greve, à C. G. T., *A Batalha*, etc.

Os grevistas continuam em sessão permanente, devendo agora cada sindicato fazer reunir as suas assembleias de classe para se pronunciarem sobre a solidariedade e a defensiva do proletariado local.—E.

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Governo* de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-á um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de *A BATALHA*.

INSTRUÇÃO

Escola Comercial de «Vieira Beirão»

As aulas desta Escola, tanto do curso diurno como do nocturno, devem abrir na 2.ª feira, 2 de Novembro.

Os alunos matriculados no 2.º e 3.º ano do curso antigo, que desejarem transitar para o curso de 4 anos estabelecido pela Lei n.º 1822 de 14 do corrente, o qual lhes dá ingresso nos Institutos Comerciais sem exigência de prévio exame de admissão, deverão declará-lo na Secretaria da Escola, durante a corrente semana, a fim de se reconfirmarem as respectivas matrículas.

Operários Afaiates

Reabrem hoje, pelas 21 horas, no sindicato dos Operários Afaiates, as aulas de francês que estiveram suspensas por motivo de férias.

Estão abertas as matrículas no Sindicato dos Empregados Menores do Comércio e Indústria, para as aulas de instrução primária, aos sócios e seus filhos, todos os dias úteis das 21 às 23 horas.

TEATRO SÃO CARLOS

AMANHÃ
Inauguração da época
de inverno
Reaparição
da Companhia LUCILIA SIMÕES
Com o aplaudido drama de Bernstein

O LADRÃO

Criação magistral de Lucília Simões
Erico Braga e J. Almada
em papeis de grande destaque
Encenação da
Professora LUCINDA SIMÕES

Se queres ver o vilão...

O fiscal dos revisores da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro Francisco Tiago comprou, há cerca de dois anos, um prédio ali para Chelas, passando a habitar o primeiro andar. No rez-do-chão que tem um quintal, há 18 anos que habita uma criatura que desde que o prédio tem novo proprietário nunca mais sossegou, porque aquele pretende apoderar-se do quintal que pertence ao rez-do-chão.

De tentativa em tentativa, no passado domingo um grupo de 5 homens capitaneado pelo Francisco Tiago esteve montando uma escada que ligou o quintal ao primeiro andar, depois de terem cometido vários atropelos e inutilizado alguns objectos pertencentes ao inquilino do rez-do-chão.

O que é mais revoltante, é que haja operários que se prestem ao cínico papel de vassallos desse senhorio que ontem, inquilino, tanto protestava contra injustiças...

Ainda o aniversário do fusilamento de Francisco Ferrer

O Sindicato da Construção Civil da Guarda realizou, no passado dia 13, uma sessão de protesto contra a reacção clerical e de protesto contra o fusilamento do grande educador que foi Francisco Ferrer. Para esta sessão, que esteve largamente concorrida, foi distribuído um manifesto que punha em relevo a obra do fusilado de Montjuich.

Falaram diversos oradores que combateram a obra clerical da reacção espanhola, sendo no final aprovadas moções de protesto contra a reacção clerical e contra os atropelos das autoridades e de todos os agentes da ordem.

Uma explosão de pólvora

Entre os lugares de Ruína e de Ruivo, no concelho do Sabugal, existe uma pedreira pertencente a José Rosa, de 35 anos, em cuja exploração este se emprega coadjuvado por um jornaleiro de nome José da Cruz, de 26 anos, ambos naturais e residentes em Ruína. Na quarta-feira da semana passada, quando eles ali preparavam um tiro com pólvora, esta explodiu inesperadamente, atingindo os dois homens nos olhos e no rosto. Os feridos imediatamente socorridos, foram pensados naquela localidade recolhendo depois a casa. Tendo-se porém, agravado os ferimentos do André, que fôra atingido em ambos os olhos, veio este ontem para Lisboa, onde foi transportado num auto da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, em cuja consulta de Oftalmologia foi observado, recolhendo depois de devidamente pensado, à enfermaria de S. Sebastião.

Um desmentido dos soviéticos

BERLIM, 21.—Na embaixada dos soviéticos desmente-se a notícia do sr. Tchitcherine ter telegrafado ao sr. Briand, convidando-o para uma conferência em Paris.

Um desmentido dos soviéticos

BERLIM, 21.—Na embaixada dos soviéticos desmente-se a notícia do sr. Tchitcherine ter telegrafado ao sr. Briand, convidando-o para uma conferência em Paris.

Trabalhadores do Tráfego

Reúniram ontem na sua sede social em assembleia geral, para apreciar entre outros assuntos, o relatório do delegado ao Congresso Confederado e Conferência Marítima. Procedendo-se à leitura da primeira parte do relatório, foi aprovado por unanimidade. Em seguida, e depois da leitura, entra em discussão a parte referente à Conferência Marítima, em que tomaram parte diversas camaradas que nas suas considerações mostraram, de uma maneira plausível, a sua discordância não só pela atitude como ainda pela existência, como dirigentes da F. M., de duas criaturas únicas responsáveis pela irritação que lava entre a família marítima, repudiando as calúnias propositadamente lançadas pelos mesmos dirigentes da F. M. tendente a desenvolver um ambiente de desconfiança e suspeições, sobre quem, integrado nos princípios Sindicatos Revolucionários defende a C. G. T.

Foi ainda lida uma circular do Conselho Inter-Sindical dos organismos discordantes da atitude da F. M. sobre a formação dum organismo federativo sendo este aprovado por unanimidade.

DENTES ARTIFICIAIS — Extracções sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placa em «cautihi». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

AGREMIações VARIAS

Academia de Amadores de Música — Esta Academia acaba de nomear, para a regência duma das suas classes de violoncelo, o professor sr. José Henrique dos Santos, sem dúvida uma das figuras máximas do nosso meio musical e que, conjuntamente com o já citado professor desta escola, sr. Rafael Sanvincens, há-de preencher a lacuna que há muito se notava nos nossos centros musicais: uma boa escola de violoncelo.

Sociedade Promotora Educação Popular. — Reúne a assembleia geral, pelas 21 horas, para prosseguir na discussão do regulamento interno.

Congresso da Indústria do Vestuário

Hoje, pelas 21 horas, reúne a comissão do 1.º Congresso da Indústria do Vestuário pedindo-se a comparencia de todos os seus componentes.

COLISEU

NOITE 2 sensacionais espectáculos 2-NOITE
Grande Companhia de Circo

A's 15 (3 da tarde)
Grandiosa matiné elega te

A's 21 (9 da noite)
Surpreendente espectáculo
As maiores novidades e atrações mundiais

Domingo — Deslumbrante matiné
Segunda-feira — A mais sensacional estreia de todas as épocas

DESPORTOS

ATLETISMO

Os quinze atletas portugueses partiram ontem para Madrid

No rápido de Madrid partiram, ontem à tarde, os seleccionados portugueses que à capital espanhola vão disputar o «Troféu Ibérico», instituído pelas duas Federações e que será adjudicado definitivamente à *equipe* que triunfar dois anos seguidos ou três alternados.

Após vários treinos de selecção, a *equipe*, em viagem, ficou constituída pelos srs. Gentil dos Santos, Guerreiro Nuno, Honório Costa, Afonso Salcedo, Abílio do Nascimento, António de Almeida, José Maria Marques, Pascoal de Almeida e Apio de Almeida, de Lisboa; Karel Pott, António Borges, A. Dias, Alberto Ferreira e Francisco Duarte, do Porto e Fernando Elói, de Coimbra. Com a selecção segue também o sr. Moura Braz, como seu componente, mas dispensado pelo coife do seu clube — o Sporting — por exceder o número de atletas que foi estabelecido no acordo das Federações.

Como capitão da *equipe* foi nomeado Gentil dos Santos; suplente Karel Pott e porta bandeira Guerreiro Nuno, o mais jovem dos seleccionados. Marques Graça, campeão dos 5.000 metros, em quem havia toda a esperança no seu bom resultado em Madrid não pôde seguir por motivo de doença.

FUTEBOL

O prosseguimento dos jogos do campeonato de Lisboa

No próximo domingo prosseguirão os jogos da primeira volta do campeonato da divisão de honra e os primeiros da 2.ª série da promoção.

Para dar tempo ao raciocínio de uma boa escolha, publicamos, hoje já, o calendário dos jogos para o dia 25, que se efectuam em todas as categorias, pela seguinte disposição: Sporting-Vitória, no Campo Grande; Império-União, em Palmela; Belenenses-Casa Pia, no Estádio; Benfca-Cascais, no Restelo. No dia 1.º de Novembro não há desafios do campeonato, em harmonia com a moderna regulamentação oficial.

SÃO CARLOS

E' amanhã que se inaugura a época de inverno neste elegante teatro com a sensacional «represilha» do LADRÃO em que reaparece a fulgurante artista Lucília Simões, Erico Braga e toda a companhia.

ACREDITA:
A traqueira geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico são um inimigo poderoso

NUCLEO CALCINA

TÔNICO ENERGÉTICO E CIENTÍFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

LABORATÓRIOS DA SARMEN SARMEN LISBOA

Draco dos Restauradores, 15

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 17 desta revista intitulada *Amor maldito*, de Federico Uraiz. Preço, \$50.—Pedidos à administração de *A Batalha*.

Aos nossos correspondentes e informadores

A fim de facilitar o serviço de redacção, convém que todos os nossos correspondentes, informadores, sindicatos, etc., ao dirigirem-nos os seus escritos atendam as normas seguintes:

- Escrever dum só lado do papel;
- Não fazer uso de tinta vermelha;
- Deixar, entre as linhas escritas, espaço suficiente para qualquer emenda;
- Expôr com clareza os assuntos que se proponham tratar, deixando para a redacção os comentários que julgarmos convenientes.

— Aos comunicados dos sindicatos que não venham carimbados, as notícias dos correspondentes, queixas ou reclamações de particulares não assinadas, não se lhes dará publicidade. A redacção guardará o sigilo de nomes.

TEATRO APOLO

TELEFONE NORTE 4120

— HOJE —
O extraordinário drama

O SALTIMBANCO

Os principais papeis
POR
BERTA DE BIVAR e
ALVES DA CUNHA

OPTIMA INTERPRETAÇÃO
Conjunto harmoniosissimo
Encenação
de Araújo Pereira

Acaba de ser posto à venda:

As três Internacionais

Amsterdã—Moscóvia—Berlim
Por SCHAPIRO

Interessante estudo, devidamente documentado, sobre a questão das Internacionais Sindicais dividido pelos seguintes capítulos:

- I—Introdução. II—O despertar operário nas vésperas da guerra. III—O grande silêncio. IV—A esperança na revolução russa. V—As bifurcações sindicais. VI—Os princípios das Internacionais, A Federação Sindical Internacional, A Internacional Sindical Vermelha, A Associação Internacional dos Trabalhadores. VII—Influências políticas. VIII—Fusionismo e confusãoismo, A bandeira da I Internacional.

1 folheto de 36 páginas com uma elegante capa, 1800; pelo correio, 1527.
Pedidos à administração de *A Batalha*.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Salão Foz

A completista Paqueta Garzon

O mês de Outubro é o início da temporada de inverno nos teatros de Lisboa. Porém, o que sempre se antecipa é o Salão Foz, passando diante do público os seus números de variedades em que não poucas vezes se destacam elementos de valor que mais tarde depois desta *season* as empresas vão a pagar avuladamente. Os espectáculo são, geralmente, compostos por uma sessão cinematográfica e por uma hora a hora e meia de «couplets», bailes, ilusionismos, acrobacia, etc., numa palavra pelo que rigorosamente se pode denominar «variedades». Não é talvez menos curioso a exibição de certas películas em que tem havido o bom gosto de fazer correr filmes modernos, sob o ponto de vista do arranjo scenográfico, em que concepções arrojadas de arte põem uma nota impressionista de bizarria e modernismo. Ainda há pouco, na fita «Desumana», se verificou essa circunstância, sendo notável o funcionamento dela e as características cubistas que nela se manifestam e que são sobremaneira interessantes.

Assim compreendemos nós a função educativa do cinema.

Fora da noite cinematográfica o Foz deu-nos a estreia da bailarina Marija Lafuente e da completista Paqueta Garzon.

Da primeira o trabalho é correcto, mas da segunda mais alguma coisa há que dizer. Paqueta Garzon é uma morena fresca, olhos expressivos, boca límpida de movimentos.

Se não é andaluza tem ascendentes da Andaluzia com certeza. O *soulaque* com que se diz a *cancion*, atesta-o francamente.

A luz dos seus olhos contorna as frases mais intencionais e no requebrar do busto e no desenhar do gesto há um tratado de malícia feminina. Basta ouvi-la e vê-la na canção da costureira. Fala com os olhos e comenta com os ombros, numa combinação que não se sabe se é pecado ser inocência, tão juntos aparecem os dois extremos. A juventude da *cancionista* dá aos versos um tom rosado que disfarça o intencionalismo mordaz de certas passagens do «couplet».

O Salão Foz pode afortunadamente afirmar o valor deste número do seu programa de inverno. E' preciso que nos convençamos que não só Mercedes

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Operários têxteis da Covilhã

COVILHÃ, 20.—A situação em que se encontram os operários têxteis, agrava-se de momento a momento.

Como se não bastara a pavorosa crise de trabalho que tantas famílias arroja para a miséria, ainda os industriais vieram ultimamente com uma ignóbil imposição de redução dos salários.

Tudo o proletariado se mostra altamente indignado contra essas torpes criaturas que assim pretendem assassinar pelo desespero e pela fome aqueles que têm sido escravos para lhes encherem os cofres com o produto do seu suor, quantas vezes misturado com o seu sangue.

A Covilhã oferece actualmente um aspecto lúgubre e desesperador. Pelas ruas vêem-se somente magotes de operários, esqueléticos, cadavéricos, grande barba hirsuta, esfarrapados, que num gesto maquinal, estendem o corpo, as mãos tremulas aos transeuntes, num olhar suplicante, implorando uma esmola em voz rouca e dolorosa.

Crianças e mulheres, famélicas, cobertas de andrajões, batem às portas das moradias, rogando com soluços e lágrimas de desespero, um pedaço de pão, para entreter a fome.

As poucas fábricas que ainda trabalham, apenas durante dois ou três dias, dão aos seus operários, por semana, apenas uns escassos e miseráveis 20 ou 30 escudos, com que têm de sustentar as famílias, algumas numerosas.

E' neste momento terrível, pavoroso, que a classe patronal, provando mais uma vez a sua ferocidade e o seu cinismo, vem impor uma redução dos salários.

Como nem todos os operários se encontram dispostos a aquiescer às imposições dos industriais, alguns, como José da Cruz Falk e Júlio da Cruz, encerraram as suas fábricas, num gesto torpe que os restantes parecem querer seguir.

Que mais revolta é estes cinicos terem centenas de contos, para gastar, agora mesmo, em luxuosos automóveis, viagens ao estrangeiro, etc., e andarem rastejando como reptis asquerosos, para burlarem os trabalhadores, reduzindo-lhes as férias.

A Associação de Classe dos Operários da Indústria Têxtil, que ainda há poucos dias convocou uma sessão para tratar do assunto, tornou a reunir em duas sucessivas assembleias extraordinárias, para apreciar e resolver o caminho a seguir em face do indigno procedimento do Falk e do Cruz, e a atitude a tomar para combater a resolução que o industrialismo perfidamente tomou, de empurrar o proletariado para um abismo de amargura e de miséria.

Ambas as sessões tiveram uma enorme assistência, e uma forma enérgica, ali se afirmou a deliberação de lutar ferozmente contra os infames processos patronais.

Quasi todos os oradores versaram o mesmo caso, demonstrando com clareza que a resolução dos industriais é inteiramente inatendível pelos operários, por constituir uma degradação para os trabalhadores, ficando resolvido que de forma alguma se trabalhe sem ser pela tabela em vigor.

Foram nomeadas comissões de vigilância que já ontem e hoje percorreram as fábricas cumprindo a sua missão.

Reina grande efervescência nos meios operários e patronais, esperando-se a todo o momento que se os industriais não mudarem de orientação, o proletariado têxtil demonstre o seu desprêzo e repulsa por esses sugadores, num enérgico movimento de protesto.

A fim de mais uma vez apreciar a situação, a Associação Têxtil vem de distribuir um manifesto convidando a classe a reunir, do qual recortamos os seguintes perfidos:

"E' hábito dum grande número de indivíduos que exploram a indústria de lanifícios desta cidade, quando o negócio não corre como desejam, abater os salários aos operários que têm por sua conta. Os indivíduos que exploram a indústria dividem-se em duas classes.

A primeira é a dos chamados industriais milicianos, que têm como base quando tudo dá, dispor de todo o dinheiro para retirarem das fábricas o número de operários que lhe convém, não se importando que os donos de fábricas se prejudiquem. Mas, se se esboça uma pequena crise, não só abatem os salários aos seus operários como fazem uma larga concorrência ao verdadeiro industrial.

A outra classe são os industriais de fábrica. Estes por indolência ou por conveniência não atacam o mal na sua origem, limitando-se, como os milicianos, a abaterem os salários aos seus melhores cooperadores."

"Seja como for, Estamos dispostos a aceitar a luta tal qual no-la querem impor, certos de que ainda não esqueçamos a lealdade com que colaborámos nas pretensões da Associação Industrial, há bem pouco tempo apresentadas ao governo. O que podemos desde já afirmar é que não aceitamos um abatimento de salário porque o que se ganha é insuficiente para fazer face às despesas do lar.

A classe operária não pode suportar a situação em que se encontra, quanto mais permitir um abatimento num ordenado que por si só devia envergonhar os próprios industriais.

O que se acaba de passar com dois categorizados industriais é o início dum conflito a que brevemente teremos de assistir e do qual alguém deve ser o responsável."

A generosidade dos lavradores de Fronteira

FRONTEIRA, 20.—A crise de trabalho é o problema mais difícil na actual conjuntura. Já em fins de Setembro, uma comissão junto do delegado do governo, tratou da situação dos desempregados, situação que dia a dia mais se vai agravando.

Como resultado dessa conferencia, foi dirigida uma circular aos lavradores e outra aos proprietários, ambas destinadas a conseguir que aquelas entidades recedessem ao seu serviço os desempregados. Essas circulares foram entregues por duas comissões que pouco resultado conseguiram.

A comissão que entrevistou os proprietários, obteve do sr. Manuel Herminio a declaração de que não podia admitir mais trabalhadores, quando é certo que deixa de

A vida e as obras de Pedro Kropotkine descritas por Adrian del Valle

Aspecto moral

A sua obra de maior relevo, «A Orogafia da Asia», escreveu-a como resultado das suas explorações geográficas na Manchúria. Tinha observado que as montanhas que figuravam nos mapas do norte da Asia eram fantásticas na sua maioria, e que, em contraste, tinham sido omitidas as grandes planícies, características daquele continente. Num extenso trabalho de preparação que durou dois anos, recopilou as observações barométricas das viagens anteriores e calculou centenas de altitudes geológicas e físicas, marcando-as num mapa de grande escala para poder chegar a averiguar as linhas de estrutura que corresponderiam melhor às realidades observadas. Depois de alguns dias de meditação para chegar a uma conclusão daquele número imenso de observações, um dia teve a clareza de que os princípios das linhas de estrutura da Asia não se encontram dirigidas de Norte a Sul, ou do Ocidente ao Oriente, mas que vêm de Sudoeste a Nordeste; e que as montanhas daquele continente não são um conjunto de cordilheiras independentes, como os Alpes, mas que se acham subordinadas a uma planície imensa, um velho continente que noutro tempo se dirigia até ao estreito de Bering. Altas cordilheiras laterais se têm elevado nas suas costas, e no transcurso dos séculos, novos terrenos, formados de sedimentos posteriores, têm emergido do mar, aumentando por ambos os lados a largura do primitivo espinhão da Asia.

Kropotkine considerava esta obra como o seu principal trabalho científico, e na realidade o foi, sendo aceites as suas novas teorias e por consequência reformado o mapa da Asia.

Pensou em escrever um grosso volume; porém, prevendo que pelas suas actividades revolucionárias podia ser preso de um momento para o outro, limitou-se a preparar um mapa que, gráficamente, desse largas às suas ideias, acompanhado de uma Memória explicativa, sendo publicados ambos os trabalhos pela Sociedade Geográfica.

Como secretário da secção de geografia física da Sociedade Geográfica, teve ocasião de dedicar a sua actividade intelectual a grande número de trabalhos de carácter científico, sendo um deles a notável Memória em que se expunha um projecto de expedição ártica russa, indicando um trabalho que em botânica, geologia, meteorologia, zoologia, zoologia, magnetismo terrestre, etc., etc., se podia realizar.

Comissionado pela Sociedade Geográfica a

empregar 20 para apenas ter ao seu serviço dois rurais. Pequena diferença. Apenas de cifra.

O camarada Germano Calcinha que trabalhava na herdade de Palhinha foi dali despedido por fazer parte da Associação, despedimento levado a efeito pelo feitor daquela herdade.

Como isto só por si não fôsse revoltante, como o despedimento não se conformasse com a ordem, veio à própria herdade o seu proprietário Mariano Moreira Costa Pinto arrogantemente entregar-lhe a importância da jorna e intimá-lo a que se retirasse da sua herdade!

E' assim a generosidade dos lavradores.

Sindicato Unico da Indústria de veiculos de Lisboa

Reuniu no dia 20 do corrente a assembleia geral deste sindicato, a fim de tratar da crise de trabalho que a industria atravessa. Verificou-se que a entrada no país de carros carregados tem sido o verdadeiro motivo da crise na industria.

Foi verberado o procedimento de alguns industriais que encerrando as suas oficinas não diligenciaram obter dos poderes constituidos protecção para a industria nacional.

Depois de vários alvites ficou resolvido que a comissão administrativa juntamente com a comissão eleita em assembleia geral de 21 de Setembro, junto dos poderes constituidos diligencie por que as pautas aduaneiras dificultem a entrada de automoveis já carroçados.

Parque Automovel Militar

O Sindicato Unico da Indústria de Veículos, tendo conhecimento por uma local publicada na Batalha de terça-feira, 20 do corrente, da situação difícil em que se encontram os operários deste estabelecimento do Estado, resolveu na sua assembleia geral de 20 do corrente, convidar todos os componentes da classe de carroçeiros a reunirem na sexta-feira 23 na sua sede, rua do Arco da Graça, 10, 2.º a fim de que este organismo seja informado sobre o estado da questão, para que actue no sentido de evitar que o já crescido número dos sem-trabalho seja engrossado.

Corticeiros de Belém

Anteontem, reuniram os operários corticeiros de Belém para apreciar um officio da Federação Corticeira sobre a baixa de salários. Foi largamente discutida a forma como a comissão nomeada para tratar da questão baixa de salários se desempenhou do seu mandato. A assembleia não se dispôs a aceitar qualquer baixa de salários, votou uma proposta no sentido de se convidar a comissão administrativa da Federação a comparecer à assembleia que deve realizar-se na próxima sexta-feira, às 17.30.

—Para este e outros assuntos importantes a comissão administrativa reúne hoje, às 21 horas.

Realiza-se amanhã a assembleia magna dos operários do mobiliário

Para apreciar a pretensão do industrialismo em baixar os actuais salários, reconhecidos impotentes para custear o preço ainda elevado da vida, devia reunir ontem a assembleia magna dos operários do mobiliário. Por virtude da dispersão dos elementos orientadores da classe por outras ocupações da organização operária foi a assembleia transferida para amanhã. A Comissão de Resistência contra a baixa de salários elaborou já um parecer sobre o assunto, cujas conclusões tendem a enfrentar a situação pela rebelião da crise do trabalho e adopção

para efectuar uma viagem à Finlândia e à Suécia para explorar os depósitos glaciaes, fez estudos e observações que o levaram à firme crença de que houve um tempo muito remoto em que os gélos, acumulados nos arquipélagos do Norte, sobre a Escandinávia e a Finlândia, invadiram o Norte da Europa, estendendo-se lentamente até chegar à parte média. Expoz, bem fundamentada, a atrevida teoria, na Memória que apresentou sobre as formações glaciaes na Finlândia e na Rússia, a qual foi lida e altamente apreciada, numa sessão extraordinária da Sociedade Geográfica.

Estando preso na fortaleza de São Pedro e São Paulo, escreveu sobre o mesmo tema 2 grossos volumes. O primeiro imprimiu-se com o título de «O Período Glacial», e o manuscrito do segundo foi parar às mãos da policia a efectuar-se a evasão de Kropotkine, recuperando-o anos depois.

Teve o intuito de escrever uma extensa geografia física da Rússia, baseando a descrição na estrutura superficial e indicando as diferentes formas da vida económica que deviam prevalecer em cada região. Começou a esboçar a parte correspondente à Rússia europeia, interrompendo o seu trabalho a nova orientação revolucionária que deu à sua vida.

Os seus primeiros trabalhos de carácter social datam da época 1872-74, em que faz parte do centro secreto «Tchanykousky». Escreveu folhetos destinados a serem distribuídos clandestinamente entre os operários e camponeses, para despertar nêles a consciência de classe e o anseio por melhoramentos e emancipação.

Refugiado na Inglaterra, depois da sua evasão, teve que depender do seu trabalho intelectual para satisfazer as suas necessidades. Além do francês, que proferia com a mesma perfeição que o russo, conhecia já suficientemente o inglês para escrever neste idioma. As suas primeiras colaborações, sobre explorações geográficas russas, foram na revista «Nature» e no «Times».

Subsequentemente colaborou, tratando indistintamente assuntos científicos e sociológicos, na «Newcastle Chronicle» e na «Nineteenth Century».

Escreveu um bom número de artigos para a, universalmente apreciada, «Enciclopedia Britânica», século XIX, e teve a seu cargo a descrição geográfica da Rússia e suas possessões asiáticas, na grande «Geografia Universal» de Eiseu Reclus.

(Continua.)

A luta internacional contra o capitalismo

Uma vitória dos mineiros no Estado de Indiana

Uma greve de 1.500 mineiros de carvão em Clinton, Indiana, nos Estados Unidos, terminou com vitória para os trabalhadores. Os mineiros, empregados em 8 campos, declararam-se em greve por a Companhia dos Caminhos de Ferro Chicago a Eastern Illinois lhes ter aumentado a passagem mensal de ida e volta para o trabalho de 1,10 dólar para 2,50 dólares.

A greve terminou com a intervenção da Comissão dos Serviços Públicos, que conseguiu que a Companhia reduzisse as novas tarifas para 1 dólar e 50 centavos.

A reacção "socialista" no México

Terminou vergenhosamente o conflito dos petroleiros de Huasteca, graças ao pérfido trabalho do presidente Calles, do ministro Morones e companhia, e a falta de apoio moral e material do resto dos trabalhadores do México.

Numa carta para a «Cultura Obrera» um camarada de Tampico escreveu o seguinte: «De sorte que, pois, nessa mesma noite, os trabalhadores, de terem ouvido a informação dos seus delegados que com antecipação se encontravam na cidade de Jalapa esperando que o governo «socialista» lhes solucionasse o conflito de maneira favorável; nessa mesma noite, como acima digo, deu-se por terminado o conflito, entregando à Confederação Geral dos Trabalhadores as quinze bandeiras da Federação dos Sindicatos de Huasteca, assim como os diferentes arquivos. Ao terminar a sessão romperam as vivas à Anarquia e à Confederação Geral dos Trabalhadores. Como vêis, foi este o fim do «único baluarte operário nesta região. A reacção encontra-se em marcha sufocando-nos todo o movimento subversivo...»

A-pesar desses factos, dizem os aduladores, que o presidente Calles está identificado com a classe operária.

Secção Telegráfica C. G. T.

Elvas — Rurais — Bandeira anda por 400\$00. Breve lhe digo o preço da prensa.

Vila Boim — Rurais — A bandeira custa 400\$00.

Jeromenha — Rurais — A bandeira custa 400\$00. Já foi remetida «A cura pelas plantas» e o retrato só por mão própria; os selos também vão.

MOBILIARIA

Sindicato do Pôrto. — Aguardamos resposta.

VINICOLA

Sindicato dos Tanoeiros de Gaia. — Recebemos telegramas, trabalhos concluídos com intransigência dos exportadores. Sigo hoje 10,15. Reis.

de uma importante medida contra a diminuição dos salários. Esse documento será presente à assembleia de amanhã, à qual, é de esperar, acorrerão todos os operários, que se encontram já paralisados, e que esboça a trabalho reduzido e os que, estando numa situação regular nas oficinas, têm sobre si pendente a ameaça de serem despedidos ou baixarem-lhes os salários.

No Barreiro, o dr. sr. Orlando Marçal faz a sua segunda e interessante conferencia contra as deportações

BARREIRO, 19.—Na Casa dos Ferrovários e a convite do Sindicato Ferroviário fez ontem uma conferencia, subordinada ao tema «As deportações sem julgamento», o dr. Orlando Marçal.

Recebido com palmas, diz: — Não podia faltar a este convite porquanto tive ocasião de na C. S. T. dizer que o protesto contra as deportações não devia ser feito só em Lisboa, mas sim por todo o país.

«Podem, pois, contar com o meu labor, com o meu esforço, para acompanhar o povo onde for necessário a fim da legalidade vencer».

«Os tribunais, como estão constituídos, não representam a Sociedade, em nome de quem condenam, porquanto dêles não fazem parte os operários, os trabalhadores, mas sim as classes conservadoras, os financeiros e o comércio. Mas os deportados de Cabo Verde e Quinê não devem a sua deportação a esses tribunais, ainda que pessimamente constituídos».

Afirma conhecer todos os homens que ilegalmente se encontram deportados. Não lhe importa saber se são ou não culpados.

O que o preocupa, como homem livre, é saber em que lei se basearam os governos para tais deportações efectuarem. Pergunta a todos os homens livres do seu país para que servem as leis, para que servem os códigos. Há duas justicas: uma para ricos e outra para pobres.

O que reclama, num grito vibrante, é o julgamento dum punhado de homens, que se não sabe se têm ou não culpas.

Começou a ser revolucionário no momento em que, sendo ainda estudante em Coimbra, teve conhecimento da lei de 13 de fevereiro, e que, com outros colegas, veio para a praça pública dar o grito de alarme contra tão nefanda obra.

Se nessa altura se revoltou na praça pública, assim continuará para que se respeite a lei e os julgamentos dêesses homens se faça.

Onde está implantada a liberdade apre-

gada pelos seus pioneiros? Todo o homem que professe ideias avançadas está perdido para esta justiça, porque desde logo começa a ser considerado «le-gionário».

A resposta do governo aos protestos feitos contra tal absurdo é dizer que se vão fazer novas deportações.

Não o consentiremos! O povo trabalhador português levantar-se-há como um só homem e impor-se-há para que se faça justiça.

Porque esperamos? Porque, como um só homem, nos não unimos, e num grito unânime não fazemos cumprir a legalidade?

Sabe que a classe operária é composta por homens honestos e que nada quer com a politica. Sabe que os operários muito podem fazer em prol dos seus companheiros. Como exemplo aponta a classe ferroviária que, dum forma digna, se tem imposto para a descoberta dos criminosos de Aljustrel-Figueirinha.

Desde que o poder executivo tomou também a si, envolvendo-o, o poder legislativo, nós temos o dever de reclamar daquele que justiça seja feita.

Não aguarde o povo trabalhador que essa grande manifestação de protesto saia das classes conservadoras que só querem digirir o trabalho dos outros, enquanto estes não têm pão para comer.

Apela para as mulheres, lembrando-lhes que os que hoje se encontram deportados também têm mulheres e filhas, que ilegalmente foram obrigados a abandonar, e que por isso se encontram a braços com a miséria. Apela para que também façam parte dessa grandiosa manifestação, de protesto. Lembra-lhes que se trata de homens que estão clinicamente, infamissimamente cumprindo uma penalidade a que tribunal algum os condenou, com a agravante de se lhes não conhecer as culpas que sobre cada um possam pesar.

Protestaremos por toda a parte: Liberdade e Justiça.

Ado termina o conferente foi muito aplaudido. Deram-se vivas à C. G. T., à Batalha e abaixo os politicos.—C.

A ganancia dum potentado mantém inaproveitado um fértil terreno ribatejano

No Ribatejo, próximo de Aldegaleta, propriedade do lavrador Bento Rovisco Pais, encontram-se perto de 3.000 hectares de terreno cultivável, absolutamente improdutivo; isto numa época em que tanto se faz sentir a crise de alimentação. A improdutividade dessa extensão de terreno deve-se a um jôgo estabelecido pelo proprietário para satisfação da sua ganancia.

Procurado por vários indivíduos que pretendem aforar ou arrendar talhões do terreno para o utilizar, segundo o estabelecido na lei que não permite a existência de baldios, tem-se esquivado sempre, umas vezes alegando que lhe devem pagar adiantos às taxas de aforamento ou renda que a lei estabelece, e outras, quando algum pretende transigir, um pouco com as suas exigências esquivando-se sob vários pretextos. O que é certo é que aqueles 3.000 hectares de terreno continuam a criar matos... que a população ainda se não habituou a digerir.

A ganancia do sr. Rovisco Pais é desmedida e compreende-se o seu desprêzo pela terra a que chama sua por um direito que lhe negamos, o seu escárnio pela situação de miséria em que o povo se debate e pelas leis que regem o país, se atendermos a que é um potentado que se alcaçorda num trono... sim, num trono porque é um rei da cerva, com a sua corte estabelecida na rua da Trindade.

Rendimentos dos operários

No Banco do hospital de S. José, faleceu pouco tempo depois de ali ter dado entrada, António Monteiro, de 41 anos, jornalista, natural de Leiria, morador no bairro da Liberdade a Campolide e que caiu numa pedreira, próximo da residência ficando ferido nas pernas e com várias lesões internas.

INTERESSES DE CLASSE

A casa dos gráficos — Um alvitre

A nossa casa! Como é bela esta frase. Pequena ou grande, sempre nos sentimos bem, quando podemos dizer—«a nossa casa».

Já o mesmo não acontece quando estamos em casa dos outros, principalmente se são camaradas. Que tristeza vai na nossa alma ao vermos que, a pouco e pouco, nos vão pondo na rua. Sim, na rua. A nossa biblioteca a cargo de um consciencioso camarada, que já tem organizado pela sua prática no assunto, várias bibliotecas, continua, quasi que despresada, a pesar de aquele colega já a ter catalogado—o que foi um trabalho estupendo. As nossas cadeiras empilhadas ao fundo dum corredor; parte do nosso mobiliário ainda por quarteirões alugados. Enfim que tristeza!

Isto é o que está sucedendo na sede do nosso sindicato. Como sabem, estamos num pequeno gabinete que nos é alugado, perdido, pelo qual nós pagamos por água e luz 120\$00 mensais. E os outros organismos gráficos não estão melhor.

Estivemos no mesmo sindicato, no 1.º andar num belo gabinete, mas... foi preciso e puzeram-nos na loja, à porta da rua, pagando mais do dobro.

A nossa casa! Colegas, o nosso sindicato já tem depositado—em 30 de Setembro p.p.—com destino à nossa casa 7.729\$46, isto fora o produto duma festa que nós realizámos no Salão de Festas da Construção Civil. Mas estas importâncias estão muito aquém do que é preciso. Torna-se necessário adquirir-se, quanto antes, uma casa para ali nos instalarmos, não luxuosamente mas com comodidade.

A nossa casa! Colegas, ajudem-nos a arranjar-lá. E para isso aí vai um alvitre. Tem-se feito tantas semanas, façamos mais uma. A semana do tipógrafo. Iniciem-se nas oficinas, nas nossas reuniões, enfim, onde possa ser, quetes a favor da nossa sede, mas todos, na mesma semana, e assim conseguiremos a verba para tal fim.

Colegas, tendes a palavra.

E. J. CARVALHO

Tipógrafo sindical

PROPAGANDA SINDICAL

Rurais de São Romão

SÃO ROMÃO, 20.—Realizou-se ontem na Associação dos Trabalhadores Rurais uma sessão de propaganda associativa, em que tomaram parte os delegados da C. G. T. e de Vila Boim que foram acompanhados da Jeromenha pelos camaradas João José Rodrigues, Afonso Galego e Joaquim Rodrigues Galego.

Expostos os fins da reunião pelo presidente da Associação de São Romão, Manuel Vicente Saúde, é dada a palavra ao camarada Januário da Silva Botelho que diz trazer-lhes ali as saudações dos trabalhadores de Vila Boim, dissertando em seguida sobre propaganda associativa.

O camarada João José Rodrigues, em nome dos rurais de Jeromenha, faz um vibrante discurso escarpelizando os defeitos da actual sociedade, dizendo que só com o esforço dos trabalhadores se poderá conseguir o seu verdadeiro triunfo.

Alfredo Pinto, delegado da C. G. T., faz uma larga palestra sobre os deveres associativos, a exploração a que estão sujeitos os trabalhadores, o trabalho da mulher e a unificação de salários, a deturpação sistemática, por parte de todos os inimigos da classe trabalhadora, das honestas intenções da organização operária.

Foi encerrada a sessão com vivas à liberdade, C. G. T., Batalha e abaixo à reacção.

Uma grande sessão de propaganda em Jeromenha

JEROMENHA, 20.—Realizou-se no passado dia 18 do corrente, às 21 horas, na Associação dos Trabalhadores Rurais, sob a presidência do camarada João José Rodrigues, secretário pelos camaradas Joaquim Travanca e João José Matroca, uma sessão de propaganda associativa com a representação dos rurais de Vila Boim e da Confederação Geral do Trabalho.

O presidente, num bem urdido discurso de abertura e apresentação dos delegados, expõe à numerosíssima assembleia em que se incluíam de muitas mulheres, os fins da sessão, dizendo ser a tribuna livre e poder usar da palavra quem o quizer fazer.

Em seguida usa da palavra o camarada Januário da Silva Botelho, presidente da Associação dos Rurais de Vila Boim, que se refere em especial ao trabalho das mulheres no campo, apelando para os trabalhadores camponeses não se esquecerem dos seus deveres associativos, encerrando o seu discurso com uma saudação dos rurais de Vila Boim aos de Jeromenha.

E' dada a palavra ao delegado da C. G. T., camarada Alfredo Pinto, que começa por saudar os rurais de Jeromenha, dizendo ser a primeira vez que a Confederação Geral do Trabalho ali vai; expõe a actual situação mundial, alude à falta de inteligência da classe patronal; abordando a guerra capitalista desencadeada em 1914 e a actual carestia da vida, demonstra a moral que é preciso imprimir em todos os nossos actos e os erros por vezes praticados pelos próprios operários. Fala também sobre as actuais perseguições aos trabalhadores, demonstrando a necessidade de produzir a máxima solidariedade e difundir uma grande propaganda em prol do jornal «A Batalha», único que defende os interesses do proletariado.

A sessão decorreu com entusiasmo, terminando aos vivas à liberdade, à C. G. T., e à Batalha.

Nota interessante, realizando-se no mesmo dia nesta localidade uma festa promovida pela burguesia local, constando de procissões, festa de igreja, corrida de touros e concerto pela banda de Olivença, durante a sessão ficou o local do arraial quasi sem concorrência por virtude de o povo ter convergido à sede dos trabalhadores rurais a fim-de ouvir a sessão de propaganda.

SOLIDARIEDADE

A' companheira de Filipe José da Costa foi entregue a quantia de 250\$50, produto duma quete tirada em seu auxilio.

Vida Sindical

C. G. T.

Comité Confederal

Reúne hoje pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação Mobilíria.—Reuniu-se anteontem a comissão administrativa, que apreciou vários expedientes e outros assuntos que serão presentes ao Conselho Federal que se realiza na próxima terça-feira, visto amanhã realizar-se a assembleia magna do Sindicato Mobilíria.

Operários alfaiates.—Reuniu a assembleia geral desta classe que discutiu o relatório do delegado ao Congresso de Santarém, o qual a requerimento de Guilherme de Almeida foi aprovado por unanimidade em votação nominal. Como o referido Congresso estabelecesse que se realizasse nos sindicatos uma campanha em favor dos deportados, resolveu também que este sindicato realize uma ou mais sessões de protesto contra a iniqua situação em que se encontram os deportados no Ultramar e presos por questões sociais no continente.

Por último foi aprovado que se exarasse na acta um voto de sentimento pela morte do camarada Adriano de Carvalho, sendo em seguida encerrada a sessão.

Comissão Mista de Propaganda do Alto do Pina.—Na sua última reunião deu despacho a vários expedientes, e tomou resoluções sobre a situação actual, resolvendo publicar um manifesto e realizar uma conferencia sobre as deportações.

Ferrovários do Sul e Sueste.—Delegação de Lisboa.—Reuniu ontem a comissão administrativa desta delegação que deu posse à nova comissão que ficou composta pelos seguintes ferroviários:

Alfredo Pinto, secretário administrativo; António José de Barros, secretário adjunto; Carlos Jorge Ferreira, tesoureiro; Armando Pascoal e Carlos de Sousa, vogais.

Esta comissão ao tomar posse dos seus cargos comunica a todos os ferroviários da área de Lisboa que podem enviar qualquer comunicação para a sede, que é na rua do Arco do «Marquês de Alegrete», 30, 2.º (na sede dos Ferrovários da C. P.) onde todas as comunicações serão recebidas e os comissionados podem ser procurados nas estações de Lisboa Terreiro do Paço, Lisboa Jardim, Lisboa Cais da Areia e Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação da Construção Civil.—A comissão administrativa pelas 21 horas. **Manipuladores de pão.**—Pelas 11 horas a assembleia geral para se ocupar dos seguintes assuntos: descanso semanal, baixa de salários, proibição dos caixeiros pernovernarem em suas casas.

Pessoal da Carris de Ferro.—A's 21 horas, a assembleia geral, na sua nova sede, rua de São Paulo, 216, 2.º D.

Impressores tipográficos.—A